

O USO DE NARRATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Marcelo Augusto Mesquita da Costa (UFPE)

O trabalho é fruto de uma experiência desenvolvida no Centro de Idiomas Senac em uma turma de nível pre-intermediate, na qual foi desenvolvido um projeto de leitura em três etapas: leitura da obra, discussão em sala de aula e produção de uma resenha escrita. A obra escolhida foi uma versão com áudio d’*O Mágico de Oz* da editora *Macmillan*, a qual está de acordo com o nível dos alunos. A pesquisa busca discutir brevemente alguns trabalhos importantes nas áreas de linguística (Charaudeau, 2012; Labov 1997), literatura (Kincaid, 1988; Olick, 2010) e educação (Souza & Bernardino, 2011) para então explorar as avaliações dos alunos sobre o processo narrativo. A proposta foi desenvolvida visando trabalhar também diferentes habilidades de maneira compartilhada; de uma forma que permitisse interagir também no ambiente extraclasse e oportunizar aos alunos mais formas de se expressar na língua alvo. A pesquisa buscou avaliar de maneira colaborativa as produções dos alunos a nível estrutural (correção, ortografia e aspectos gramaticais) e, principalmente, funcional (correção, coerência e clareza). A metodologia não segue uma linha estrutural do processo narrativo, mas está de acordo com a perspectiva da análise do discurso de Charaudeau (2012) quando afirma que qualquer narrativa é dependente de um “dispositivo de encenação do discurso” que nem sempre é possível prever, isto é, a pesquisa parte do próprio texto e da interpretação para a análise dos dados. Ao todo foram selecionadas 10 resenhas e o foco do trabalho foi nas avaliações ou releituras narradas pelos alunos ao final de suas produções, após o resumo da obra. Resultados apontam que algumas produções textuais dos alunos possuíam um cunho mais pessoal, mas outras variavam buscando certa impessoalidade no uso de formas de tratamento mais gerais, sendo mais semelhantes às resenhas técnicas ou científicas (Medeiros, 2000). Também foi possível observar dificuldades dos alunos de maneira processual no idioma alvo através de um trabalho com habilidades simultâneas: leitura/escuta (o livro conta com o áudio), fala (recontar a história em sala coletivamente) e escrita (produção de resenhas). Outros resultados também foram observados a partir de um trabalho mais específico posteriormente, focando em algumas dificuldades gramaticais, de vocabulário e interpretação apontadas pelos alunos através da sua avaliação da experiência de leitura e pelo instrutor durante a correção.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, Narrativa, Análise do Discurso

Introdução: A importância do narrar

As narrativas representam tradições, legado, memória, isto é, formas de expressão únicas. A narrativa segundo Charaudeau (2012) é algo inerente ao homem, é uma “busca constante e infinita” pela verdade. Elas representam parcelas dessa verdade através de fatos e gestos, do próprio imaginário do ser humano. Para Labov (1997) o estudo da narrativa é “essencialmente hermenêutico”, é uma tentativa de aprofundar a compreensão, de forma aproximada, sobre o que é vida social e linguagem. O uso da narração como estratégia pedagógica pode favorecer o aprendizado na educação infantil, fundamental (Souza e Bernardino, 2011) e também no ensino de idiomas. Ao trabalhar com a leitura e com o (re)contar, o aluno faz uso da sua competência

comunicativa (Larsen-freeman, 2000) ao relatar e produzir textos com suas impressões e com sua própria forma de se expressar; amplia seu vocabulário e possibilita ao educador perceber possíveis dificuldades nas produções orais e escritas.

O narrar ou contar está presente em nossas vidas desde que nascemos e nos acompanha através dela. Um texto, uma palavra, uma foto, uma música, uma pintura, um desenho, entre tantas outras formas de nos remeter ao passado marcam os povos de todo o mundo.

Estudos científicos de diferentes áreas sobre a narração podem ser encontrados na Antropologia, nas Artes Cênicas, Artes Plásticas, Literatura, Linguística, História, Música, Cinema, entre outras. O interesse não é por acaso já que o narrativo é um gênero comum mundialmente e possui traços da cultura e da memória de um povo, sejam elas por tradições orais ou escritas.

Ao buscar definir a narração é muito comum confundir certos elementos e conceitos, já que não existe uma única forma de relatar algo e muito menos uma fórmula perfeita. Além disso, há diversas áreas que possuem trabalhos científicos utilizando a narração e devido a isso, muitas acepções para conceitos sobre “narrar”, “contar”, “narrador”, “história”, entre outros, podem ser diferentes de acordo com a postura teórica adotada.

Ao contar uma história não utilizamos apenas realizações linguísticas, mas também linguagem corporal, objetos, tom, pausas, acento etc. Os sons que reproduzimos podem ser importantíssimos para a performance em eventos de contação. Também é nesse momento que podem surgir dúvidas sobre determinados conceitos: narrar é o mesmo que contar? Para Charaudeau (2012) o contar não é somente descrever uma série de fatos, mas o contador deve possuir uma intenção, e sua história deve estar inserida em um contexto. Dessa maneira o gênero narrativo tem um objetivo e uma audiência específicos, assim como elementos que auxiliam na identificação com essa pessoa/público e guiam para a finalidade buscada pelo contador.

A organização do modo narrativo é um tema interdisciplinar no momento que envolve mais do que “contar uma história”. A construção de identidade de um indivíduo ou povo, o seu modo de agir, a participação em determinadas esferas sociais, entre outras, são temas que estão relacionados diretamente com as narrativas.

O estudo da razão, do discurso humano é essencial para a Antropologia. Porém, ao longo dos anos campos interdisciplinares e pesquisas que adentram outras áreas como a linguística e educação, como é o caso deste trabalho, vem sendo mais necessárias como forma de complementar estudos mais abrangentes. Duranti (1997) descreve o campo da Antropologia Linguística como uma disciplina que realiza “o estudo da linguagem como um recurso cultural e a fala como uma prática cultural” (p.1) Ao estudar o homem sem estudar sua língua e forma de se expressar, sem considerar

as pessoas com quem interage e as produções comuns necessárias nas mais diversas sociedades tornaria o estudo incompleto ou não suficiente. As narrativas, de maneira mais ampla, representam tradições e memória não apenas de uma pessoa, de um povo ou de uma nação, mas de grupos ou comunidades que possuem suas próprias formas de pensar e interagir.

Este estudo de caso busca mostrar como o gênero narrativo pode ser um grande aliado no ambiente escolar, mais precisamente auxiliando no aprendizado de uma língua estrangeira, o Inglês. Os alunos produziram uma narrativa de experiência, o review (resenha), baseado em outra narrativa, uma adaptação do conto (short story) *The Wizard of Oz* (O Mágico de Oz) do autor L. Frank Baum.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo descreve alguns estudos em linguística-antropológica e suas influências em estudos subsequentes, além de alguns aspectos e perspectivas diferentes de abordagem da narrativa; em seguida, exemplificamos através de um romance meio auto-biográfico e meio ficcional chamado *A Small Place*, como a estrutura narrativa pode ser subjetiva quando envolve temas como memória e identidade; no terceiro capítulo, a narrativa na escola é o foco através de estudos sobre sequências didáticas e como utilizar gêneros narrativos na escola, além de aspectos outros sobre o contar; no quarto capítulo, a experiência desenvolvida no pre-intermediate da Unidade de Idiomas Senac do Sábado é explorada, através, principalmente, das avaliações dos alunos sobre o processo de leitura: uma narrativa a partir de outra narrativa. Após esse capítulo, algumas conclusões são apresentadas seguidas das referências.

1. Alguns estudos linguístico-antropológicos sobre o gênero narrativo

Um grande influenciador da semiótica narrativa nas décadas de 60-70 foi Propp ao analisar os contos de fada russos e mudar a forma de refletir sobre a estrutura narrativa. Ele descreveu tipos de personagens, esferas da narrativa ou partes essenciais do gênero e funções linguísticas e outros elementos importantes do conto de fada.

Labov (1997) buscou elencar os elementos da narrativa através de análises com narrativas de experiência pessoal. Para o autor, a organização ou sequência de eventos é essencial para esse tipo de narrativa e conseguiu resultados importantes quanto à estrutura, relação interativa entre narrador e ouvinte e a avaliação da narrativa. Os dados do autor foram obtidos através de entrevistas sociolinguísticas e foram analisados buscando traçar elementos comuns às narrativas no geral. Alguns conceitos, como por exemplo a narrativa de experiência pessoal, separação de sentenças por junção temporal, entre outros, também foram avanços do trabalho de Labov. Para ele fazer uma diferenciação entre a narrativa de experiência e outros tipos de narrativa auxiliou a análise dos dados que possuía:

“Uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma seqüência que teve lugar na biografia do falante por uma seqüência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais. (...) É uma segregação arbitrária no sentido da narrativa para propósitos técnicos, mas que se mostrou muito útil.” (Labov, 1997, p.3)

Os trabalhos de Labov e Waletzky, com quem realizou algumas pesquisas na área de narrativas, são uma referência em diversas áreas envolvendo a narração, um exemplo é que eles ainda são bastante citados por estudos em educação que tratam de contação e performance.

Bruner (1991) também fez um trabalho semelhante ao buscar descrever características das narrativas. Para o autor, semelhante ao que discute Charaudeau (2012), as narrativas são versões da realidade que são aceitas sem buscar comprovação, são aceitas por ser necessário narrar, existe um objetivo nessa interação.

Também existem autores, como Charaudeau, que preferem posturas baseadas em modos de organização da narrativa que se amparam em outros estudos como forma de suprir uma compreensão mais abrangente acerca do texto, nesse caso o texto narrativo. Para este analista do discurso é necessário considerar aspectos que fogem aos padrões esperados, apesar de considerar que

“(…) é sedutor para o espírito a ideia de que, a partir de uma lógica abstrata, fundadora, e de uma tipologia de variantes, se possam engendrar (de um ponto de vista ‘gerativo’) ou classificar (de um ponto de vista ‘estrutural’) narrativas” (Charaudeau, 2012, p.159)

O autor reforça seu ponto de vista deixando claro que para que exista uma estrutura, ela precisa receber sentido, já que uma estrutura pura a priori é impensável. Ao receber sentido a estrutura muda, se transforma, deixa de ser fixa. Além disso, “um texto, qualquer que seja, e qualquer que seja seu modo de organização, depende de um dispositivo de encenação do discurso no qual os sujeitos intervêm nem sempre de maneira previsível” (id.)

O exemplo a seguir, baseado em uma obra da literatura que explora aspectos da memória em narrativas com traços autobiográficos, pode auxiliar na compreensão da ideia do autor citado acima. Na literatura, o real e o ficcional podem estar tão conectados que afirmações baseadas na interpretação, mesmo do especialista, podem não ser inteiramente satisfatórias para explicar aspectos do texto.

2. Narrativa e memória: uma leitura em *A Small Place*

Na literatura existem diversos trabalhos sobre a narrativa biográfica e de memória. Os limites entre o que é real ou ficcional não são fáceis de perceber e muitas vezes são efeitos que o

próprio autor busca causar no leitor. Temas como trauma, legado, relações familiares, entre tantos outros, são muitas vezes permeados de efeitos simbólicos buscados pelos autores no momento da escrita através de repetições, ênfases, críticas etc (Kincaid, 1988).

Se mesmo a memória de um único indivíduo está longe de ser exata e bem organizada ao ser relatada, a memória de um povo, comunidade, país é ainda mais difusa e difícil de estipular uma dimensão. Em muitas obras os elementos que pensamos ser claros, tais como tempo, espaço, personagens, podem ser, através da habilidade do autor/contador, facilmente manipulados de uma forma que o leitor não consegue especificar claramente quem fala e quais as reais intenções do criador daquele universo baseado em seu imaginário. Um exemplo disso acontece facilmente em textos com aspectos autobiográficos: o narrador é identificado como o próprio autor pelo leitor, mas os limites em que essa compreensão simples é desenvolvida durante o processo de leitura não podem ser inteiramente comprovados.

Um exemplo que traduz esses elementos da narrativa é encontrado em *A Small Place* (um pequeno lugar) da autora Jamaica Kincaid (Pseudônimo para Elaine Cynthia Potter Richardson). A autora descreve os efeitos da colonização para a sua terra natal, St. John's, Antígua. O colonizador da Ilha de Antígua é encarado como um mal, mas também como um integrante importante em uma grande cadeia de eventos. Os aspectos autobiográficos são incontestáveis: a mudança quando ainda muito nova para os EUA, o ressentimento da mudança, a saudade etc são muito presentes durante toda a narração. Mas a autora nunca se identifica durante a narrativa e a sua voz representa também a de seu povo oprimido pelo colonizador. Dessa maneira, a narrativa não segue padrões inteiramente “lógicos”, já que apesar dos traços autobiográficos poderíamos associar a figura do narrador a qualquer cidadão de Antígua. Essa “voz” comum que pode ser atribuída não apenas a uma pessoa, mas a várias como Olick (2007) detalha ao escrever:

“(...) memória não é uma questão de refletir sobre as propriedades da mente subjetiva; em vez disso, memória é uma questão de como *as mentes trabalham juntas em sociedade*, como suas operações são estruturadas por arranjos sociais”¹ (p.7)

Essas várias memórias também são representadas através das narrativas como em Kincaid (1988). Essas memórias que se confundem com a história de um povo representam o que Halbwachs (1992 apud Anh Hua, 2005) define como *memória coletiva*:

¹ Grifo meu – “memory is not a matter of reflecting on the properties of the subjective mind; rather, memory is a matter of how minds work together in society, how their operations are structured by social arrangements (...)

“(…) memórias de um passado comum mantidos por membros de um grupo, classe, ou nação. Eles podem ser encontrados em *histórias orais ou escritas, boatos, gestos, estilos culturais e atividades culturais institucionalizadas*”² (p.198)

A voz da autora dessa maneira não se iguala à voz do narrador(a), já que os leitores podem se identificar com os elementos semelhantes entre a vida da autora (caso conheçam) e as experiências narradas no livro *A Small Place*. A narração funciona como um eco de uma experiência e de sentimentos que não pertencem a uma única pessoa, mas que são comuns também ao povo que sofreu também com a presença do colonizador. O gênero narrativo em essência possui essa característica de identificação e relação: é fácil para quem ouve uma história se identificar com situações semelhantes que já passou ou imaginar, mesmo que não as tenha vivido, de uma forma mais pessoal.

A narração é de certa forma um ciclo interminável ou infinito de histórias que geram outras histórias. Aos poucos se transformam em tradições, lendas, folclore. Porém, saber ao certo como esses processos ocorrem e de que maneiras para os mais diversos povos, não é uma tarefa fácil. Essas narrativas que se “unem” são descritas por Bruner (1991) e, segundo ele, dão origem a culturas e tradições. Assim como para Labov (1997), Bruner busca compreender como a narrativa organiza os fatos ou memórias baseadas na experiência.

Essa organização na literatura ficcional pode ser ainda mais complexa de ser comprovada, mesmo através de análise e interpretação. Na literatura o jogo entre ficção e realidade é na verdade um efeito importante resultante da habilidade do autor em conduzir a forma de contar. Na verdade, não saber ao certo o que é real ou ficcional pode trazer ainda mais interesse por parte da audiência ou público, sendo a obra ainda mais bem sucedida por isso.

A relação entre individual e coletivo também deve ser suscitada como fator importante de pertencimento a um determinado grupo e ao mesmo tempo de unicidade, já que

“(…) o intuito de analisar o processo de construção do texto narrativo (...) consistiria em adentrar na memória coletiva do grupo e na individualidade do cidadão, membro de um grupo e construtor de sua própria história” (Dionísio, 1998:150).

Na literatura isso também é verdadeiro: em Kincaid (1988), por exemplo, ao conhecer a história pessoal da autora é possível traçar relações com a ficção. O pertencimento da autora, se a considerarmos como narradora seria difícil de identificar pela sua história, já que ela não viveu na Antígua por muito tempo e morou o restante de sua vida nos EUA, mas pelas suas palavras e pela

² Grifo meu - “(...)memories of a shared past retained by members of a group, class, or nation. They can be found in oral and written stories, rumours, gestures, cultural styles, and institutionalized cultural activities.”

sua obra é possível reconhecer a saudade, o “eco” de suas palavras em sintonia com o povo colonizado de sua terra natal, entre tantos outros sentimentos presentes em sua vida e obra.

A obra da autora Estadunidense Kincaid é apenas um exemplo entre tantos outros da literatura que poderiam muito bem se encaixar no perfil da temática de memória. Não especificamos outros temas ou exemplos, pois fugiria um pouco do escopo do trabalho, mas este, como já dito anteriormente, não visa em nenhum momento esgotar a discussão, mas elencar alguns elementos e características típicos do gênero narrativo que não se limitam a apenas uma área do conhecimento. Também é necessário reafirmar que as narrativas são interdisciplinares por natureza e envolvem questões de identidade, performance, participação, entre outras temáticas ou áreas específicas.

3. O gênero narrativo na sala de aula

O uso da literatura em contextos escolares, mais especificamente do gênero narrativo, não é uma novidade (Geraldi, 2002; Marcuschi, 2005). As vantagens em utilizar gêneros, isto é, textos autênticos na sala de aula, sem uma preocupação única com avaliação, pode ser extremamente produtivo para o aprendizado de língua materna e também de língua estrangeira.

Marcuschi (2005), ao citar Schneuwly & Dolz, discute algumas alternativas de sequências didáticas e gêneros específicos de acordo com as séries e os PCNs. O gênero narrativo possui destaque em todas as séries, mais ou menos de acordo com as necessidades dos alunos para aquela etapa em que se encontram. Esta é apenas uma proposta, mas é notável a preocupação do autor com os principais gêneros de acordo com as habilidades e com o crescimento processual do aprendiz.

Marcuschi salienta a importância em garantir um aprendizado equilibrado entre as modalidades escrita e falada, por compreender que ambas são igualmente importantes para o que Larsen-Freeman (2000) e outros autores chamaram de *competência comunicativa*, ou ainda *alinhamento interacional (Footing)*, como Gumperz (1982) destaca.

Essa preocupação como que o aluno deve aprender é constante para qualquer professor, seja ele de língua materna ou língua estrangeira. O objetivo é garantir que o aluno consiga utilizar a língua nas mais variadas situações da maneira mais natural e esperada possível. Dessa maneira, ao utilizar gêneros usados comumente em seu cotidiano pode possibilitar ao aluno aprender de maneira mais produtiva e, talvez, divertida. O aspecto diversão nas aulas de língua estrangeira, o lúdico, é cada vez mais valorizado em aulas de língua estrangeira.

Resultados interessantes vêm sendo apontados na área de educação através do evento contação de histórias para o ensino infantil (Souza & Bernardino, 2011). Ao oportunizar os alunos através da escuta de histórias, observação imagens, participação de todo o processo de (re)criação da

história pelo contador(a), ao incentivar o aluno a (re)contar a história à sua maneira, entre tantas outras estratégias utilizadas por educadores para incentivar a leitura e o aprendizado através dos contos infantis, pode aumentar o desenvolvimento da criança e incentivar a leitura como um hábito na vida adulta.

Para o ensino de língua estrangeira, no qual alunos de idades variadas já dominam vários gêneros na sua língua materna, o uso de narrativas curtas e apropriadas para o seu nível pode ser interessante para aquisição de vocabulário, incentivar o pensamento crítico ao interpretar o texto, realizar atividades de escuta (listening) e reescrever através da capacidade memória e organização sequencial de eventos. Dessa forma, variadas habilidades dos alunos são exploradas através de algo que pode ser prazeroso, a leitura. E, para aqueles que são mais resistentes, caso o livro sugerido possua áudio com falas, ele pode ser uma alternativa.

As narrativas sobre o próprio processo de leitura, isto é, a avaliação dos alunos também foi uma ferramenta interessante na análise que foi feita de partes de algumas produções que serão mostradas a seguir. O exemplo utilizado por Labov (1997) do marinheiro norueguês que esfaqueia o narrador é interessante para ilustrar como as narrativas são únicas: apesar dos fatos serem os mesmos, a forma como cada um dos participantes da pesquisa de Labov une as 12 linhas da curta narrativa proposta são das mais variadas possíveis. Cada pessoa tem uma forma única de assimilar e interagir com determinados fatos. Essa forma única também pode ser observada em trechos que contam com os resumos da história proposta para os alunos nessa pesquisa. A seguir a pesquisa será detalhada e alguns trechos selecionados serão comentados.

4. *O Mágico de Oz*: uma experiência de leitura, produção e avaliação

O conto “O Maravilhoso mágico de Oz” ou simplesmente “O Mágico de Oz” foi escrito em 1900 por L. Frank Baum e se tornou um marco nas histórias infantis, por não trazer violência ou uma moral. Baum inovou bastante quanto aos contos de fada, pois a história não trás uma moral clara devendo a simbologia única da história ser interpretada pelo leitor ao retratar temas como saudade de casa, aventura em uma terra desconhecida, a amizade, a coragem, entre outros.

A história narra as peripécias de Dorothy, uma garota que vivia com seus tios e um cãozinho chamado Totó em uma fazenda no Kansas. Durante uma tempestade, Dorothy procura por Totó, mas é levada por tufões para uma terra longínqua. Perdida e sem saber como voltar para casa ela enfrenta inúmeros perigos e conhece diversos personagens estranhos: o espantalho que busca um cérebro, o homem de lata que quer um coração e o leão covarde que sonha em se tornar corajoso.

A turma em que o livro foi adotado era de nível pré-intermediário e contava com 26 alunos. Para esta pesquisa foram usadas 10 resenhas produzidas pelos alunos e todos os nomes omitidos.

A metodologia adotada aconteceu em duas partes: os alunos do pré-intermediário do Centro de Idiomas Senac deveriam primeiro ler o livro em um trimestre e ao final, desenvolver uma resenha contando um pouco da história, da forma que achasse mais coerente e relatar quais pontos foram mais marcantes e o que mais interessou na história. O objetivo central de uma resenha: incentivar outras pessoas a ler ou não o texto. Segundo Medeiros (2000) resenha é

“(…) um relato minucioso das propriedades de um objeto ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração e dissertação. Estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física), relata as credenciais do autor, *resume a obra*, apresenta suas conclusões e metodologia empregada, bem como expõe *um quadro de referências em que o autor se apoiou* (narração) e, finalmente, *apresenta uma avaliação da obra* e diz a quem a obra se destina (dissertação)”³

A proposta, entretanto, não seria seguir todos os passos descritos pelo autor, mas aqueles mais relevantes para que o texto também pudesse ser construído pelos alunos mais livremente. A proposta do projeto não foi avaliativa, mas é uma proposta comum na instituição incentivar a leitura de 1 a 3 livros por semestre, em vista dos positivos resultados já alcançados anteriormente em variados idiomas.

Para a turma do pré-intermediário que participou da pesquisa, apenas um livro foi adotado em razão do semestre ser mais curto e a carga horária mais reduzida e por haver apenas um encontro semanal com os alunos aos sábados. Dessa maneira, mesmo os alunos que tinham pouco tempo ou não conseguiam ler muito rápido puderam participar. Além disso, o áudio do livro e a própria extensão da versão da história também auxiliaram no processo de leitura.

Além da leitura e da própria produção ao final, o livro também foi discutido em alguns momentos de sala de aula, normalmente nos momentos finais dos encontros aos sábados. Os alunos puderam relatar dificuldades da leitura, experiências que acharam interessantes e discutir com os colegas sobre a produção escrita. Ao final do processo de produção os alunos receberam os resultados de suas produções com algumas sugestões individualmente e em um momento de discussão em sala de aula em que foram apontados alguns problemas comuns de escrita, ortografia ou gramática, sem, no entanto, identificar qualquer dos alunos ou trechos das produções.

³ Grifo meu

Alguns exemplos a seguir mostram como os alunos refletiram sobre não só o processo de leitura e produção em momentos mais específicos (**exemplo 1**), mas no que a própria narrativa proporcionou de uma forma geral (**exemplos 2 e 3**):

Exemplo 1:

“Foi uma boa história, mas *eu senti falta* de um pouco mais de profundidade nos personagens. Dorothy, um ser humano, estava sempre sorrindo ou chorando. Também, a história é um pouco direta. *Eu* quero dizer, as coisas acontecem tão rápido quanto em um resumo. *Eu* não tenho um personagem favorito, mas *eu gosto* do Mágico de Oz porque ele sabe usar sua fama para se livrar dos problemas, fazendo as pessoas acreditarem que ele pode fazer mágica.”⁴ (Aluno 1)

O aluno acima fez uma avaliação do próprio processo de leitura falando de suas impressões de maneira mais pessoal (ele utiliza quatro vezes o pronome pessoal “Eu”). Também é possível destacar pontos negativos que o leitor/narrador pontuou: “eu senti falta de um pouco mais de profundidade nos personagens”. Em outras produções as avaliações continuam sendo pessoais, mas é possível ver um direcionamento maior para o possível futuro leitor de uma maneira mais geral e normalmente mais positiva:

Exemplo 2:

“O que o livro nos mostra é a importância de respeito pelos outros, compaixão e solidariedade, e uma lição de vida no sentido que, algumas vezes, *nós* não precisamos de tudo o que queremos para sermos completamente felizes. (...) Por esta razão, O Mágico de Oz pode ser considerado um grande livro com respeito à demonstração de *valores centrais para a vida em sociedade* e outras lições de vida previamente mencionadas.”⁵ (Aluno 2)

Esse aluno também utiliza um pronome pessoal, mas diferentemente do anterior não usa a primeira pessoa do singular, mas do plural. Dessa maneira é possível interpretar que o aluno pode estar se inserindo em grupo maior, tal como público leitor (nós leitores ou nós seres humanos). Isso complementa ainda a parte final de sua avaliação “valores centrais para a vida em sociedade”. Se forem comparados os **exemplos 1 e 2** é possível tecer algumas diferenças quanto ao caráter pessoal, não de envolvimento com a obra, mas da avaliação dada em sua produção.

O exemplo a seguir colabora com o anterior no sentido que não avalia de maneira totalmente pessoal a história, graças à forma utilizada quanto à associação com a obra.

⁴ “It was a good history, but I miss a little more of profundity on the characters. Dorothy, a human being, was always smiling or crying. Also, the history is kind of straight. I mean, things happen so fast like a resume. I don’t have a favorite character but I like the Wizard of Oz because he knows use his fame to get out of troubles, making the people believe that he can do magic.”

⁵ “What the book shows us is the importance of respect for others, compassion and solidarity, and a life lesson in the sense that, sometimes, **we need not what we want everything to be completely happy**. (...) For this reason, The Wizard of Oz can be considered a great book with regard the demonstration of core values for life in society and in the other life lessons mentioned previously.” (A parte em negrito está com problemas de sintaxe e deveria ser “**we do not need everything we want to be completely happy**”. A tradução foi baseada nessa frase corrigida.)

Exemplo 3:

“A lição que pode ser aprendida com o livro é que: não importa o que *nós* pensamos, não existe lugar como o *nosso lar*, e a nossa casa é onde o *nosso coração* vive, onde *nós* sentimos que podemos ser *nós* mesmos sem fronteiras e outra lição é que *nós* não precisamos de tudo o que queremos para sermos verdadeiramente felizes”⁶ (*Aluno 3*)

Novamente nesse exemplo é possível observar que apesar do cunho pessoal dado na avaliação da narrativa, o aluno de certa forma se afasta um pouco ao utilizar o pronome pessoal “nós”. A avaliação não desmerece a posição do aluno de nenhuma maneira, mas se observarmos o objetivo maior da resenha que é interessar outros possíveis leitores, quanto maior for o envolvimento mostrado por aquele que resenha, maior poderá ser o interesse do futuro leitor. Assim, formas de adereçamento comuns para mais de uma pessoa (nós) podem causar um impacto um pouco mais reduzido no leitor da resenha. Principalmente, se o tom dado à narrativa não é científico ou técnico, como é o caso.

Conclusão

A proposta aqui intentada não buscou em momento nenhum propor uma fórmula de análise das narrativas e muito menos esgotar as possibilidades de pesquisa em campos tão amplos como educação, literatura e linguística. O objetivo em um primeiro momento foi mostrar como campos tão diversos dialogam de maneira a se complementar; outro propósito foi analisar na prática em um ambiente educativo como a narrativa pode ser útil para auxiliar na interpretação, desenvolver senso crítico (avaliação), trabalhar tópicos de maneira mais indutiva através de habilidades variadas, tudo isso de uma maneira leve e sem uma busca por uma avaliação com atribuição de nota aos alunos, política diversa da instituição Senac, que visa avaliar os alunos de maneira processual.

Como resultados, a experiência foi bastante positiva no momento que deu a oportunidade dos alunos cooperarem fora do ambiente de sala de aula, já que os encontros eram semanais. Outro aspecto foi a diversidade encontrada nas avaliações, sendo algumas com características mais pessoais do que outras, por utilizar estratégias que não tinham relação direta com aspectos da história em si, mas da própria maneira com que o aluno lidou com a narrativa, ao buscar uma análise mais apurada de suas impressões em momentos mais específicos da história, nem sempre de maneira positiva.

Referências Bibliográficas

⁶ “The lesson that can be learned with the book is that: it doesn't matter what we think, there is no place like home, and ours house is where our heart lives, where we sense that we can be ourselves with no borders and another lesson is that we don't need everything we ever wish for, to be fully happy.”

- Baum, L. F. 2007. **The Wizard of Oz**: retold by Elizabeth Walker. Macmillan Readers - Pre-intermediate level.
- Bruner, J. 1991. The Narrative Construction of Reality. In: **Critical Inquiry**. Vol. 18, n. 1, p. 1-21.
- Charaudeau, P. 2012. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- Duranti, A. 1997. **Linguistic Anthropology**. Trad. Judith Hoffnagel. Cambridge University Press.
- Geraldi, W. (Org.) et al. 2002. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática.
- Gumperz, J. J. 1982. **Discourse Strategies**. New York: Cambridge University Press.
- Hua, A. 2005. Diaspora and Cultural Memory. In: **Vijay Agnew, ed. Diaspora, Memory, and Identity**: A Search for Home. Toronto: University of Toronto Press.
- Kincaid, J. 1988. **A Small Place**. New York: Plume.
- Labov, W. 1997. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. Trad. Waldemar Ferreira Netto. In: **The Journal of Narrative and Life History**. Vol. 7, n. 1-4.
- Larsen-Freeman, D. 2000. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Oxford University Press.
- Marcuschi, L. A. 2005. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. Recife: Departamento de Letras, UFPE. 3. ed. (mimeo).
- Medeiros, J. B. 2000. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo, Atlas.
- Olick, J. K. 2007. "Collective Memory". International Encyclopedia of the Social Sciences. 2. ed. Disponível em: <http://www.virginia.edu/sociology/publications/faculty%20articles/OlickArticles/galecm.pdf>.
- Souza, L. O.; Bernardino, A. D. 2011. A Contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. In: **Educere et Educare Revista de Educação**. Vol. 6, n. 12, jul/dez, p.235-249.